

# al-madama

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#24 (tomo 1) Jan. 2021

## **A ARTE MEGALÍTICA NA MAMOA DE EIREIRA**

**novas descobertas**

**Um Afundamento  
da Grande Guerra na  
Barra de Lisboa: o Terje  
Viken (1916)**

**O Menir dos Penedos  
da Portela**

**Briolanja, Escrava  
do Guadamecileiro  
de D. João III**



**CAA**

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem parcial do esteio n.º 6 da Mamoa de Eireira (Afife, Viana do Castelo) em registo fotográfico nocturno de alguns dos motivos aí gravados.

Foto | © Fábio Soares.



II Série, n.º 24, tomo 1, Janeiro 2021

#### Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,  
Apartado 603 EC Pragal,  
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

#### Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,  
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | [c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com)

Internet | [www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

ISSN | 2182-7265

#### Estatuto editorial |

[www.almadan.publ.pt](http://www.almadan.publ.pt)

Distribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje -  
- Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª /  
/ Câmara Municipal de Oeiras /  
/ Neopéica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo  
([director.almadan@gmail.com](mailto:director.almadan@gmail.com))

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada ([c.arqueo.alm@gmail.com](mailto:c.arqueo.alm@gmail.com))

#### Conselho Científico |

Amílcar Guerra, António Nabais,  
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva  
e Carlos Tavares da Silva

**H**á seis meses, abrimos esta página com a surpresa, a apreensão e a dor geradas em todo o Mundo pela COVID-19, com custos sociais, económicos e culturais elevadíssimos, principalmente nas sociedades e grupos mais desfavorecidos.

Desde então, a comunidade científica internacional correspondeu de forma extraordinária ao forte investimento público e privado e, num prazo recorde, desenvolveu várias vacinas, duas das quais, cumpridos os critérios de avaliação das agências de saúde europeias e norte-americanas, estão já em aplicação massiva à data em que escrevemos.

Podemos agora encarar 2021 com alguma esperança, certos de que, para além do sucesso das campanhas de vacinação, muito dependerá dos comportamentos individuais e de grupo. Vacinados ou não, teremos de manter o uso da máscara, a etiqueta respiratória, a lavagem frequente das mãos e o distanciamento social enquanto tal for necessário para evitar ou atenuar a transmissão viral. Em boa medida, seremos agentes directos na conformação do nosso futuro próximo, privilégio de que, infelizmente, nem todos gozam!

Noutras geografias, quase sempre esquecidos e deixados à sua sorte, muitos milhões de pessoas dependem de boas vontades externas para ter acesso às vacinas e sobrevivem a condições sociais e económicas brutais e incomparáveis às nossas.

Mas 2020 não deixou de ser duro para a sociedade portuguesa, profundamente marcada pela pandemia, causa directa de mais de 6500 mortes e do significativo aumento de outras morbidades e dos índices de pobreza, só para citar os indicadores mais evidentes à data. Ainda assim, a actividade arqueológica deu provas de resiliência, demonstrada, por exemplo, no III Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, realizado entre 18 e 22 de Novembro último. Por videoconferência, cerca de centena e meia de comunicações e *posters* deram origem a mais de 2100 páginas de actas já disponíveis em suporte digital de acesso livre, tal como pode ler-se em notícia deste tomo da *Al-Madana Online*.

Aqui também são publicados vários outros trabalhos de arqueologia de campo com ampla dispersão nacional, de Viana do Castelo e Vila Verde, no Noroeste do território continental, passando por Alenquer e Lisboa para chegar ao arquipélago dos Açores, no município de Angra do Heroísmo. A Arqueologia brasileira volta a marcar presença, tal como estudos documentais, teóricos e metodológicos de natureza arqueológica e patrimonial. A diversidade é ainda acentuada pela secção de noticiário, que relata actividades realizadas em Peniche, Torres Vedras, Almada, Moita e Mértola, passando também nos Açores, desta feita em Vila Franca do Campo, na Ilha de São Miguel, para terminar em notas de actualidade. Recensões e destaques editoriais dão conta de monografias e periódicos recentes, enquanto se agendam os eventos científicos entretanto divulgados para concretização presencial ou virtual. Bons pretextos para ler com prazer e saúde. Que o próximo semestre nos permita recuperar parte da sociabilidade que tanta falta nos faz.

Jorge Raposo, 4 de Janeiro de 2021

**Resumos** | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

**Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica** | Jorge Raposo

**Revisão** | Fernanda Lourenço e autores

**Colaboram neste número** | Maria João Amorim, Telmo António, Andreia Arezes, José M. Arnaud, Regis Barbosa, Mário Barroca, Luísa Batalha, Ana M. S. Bettencourt, Luciano Vilas Boas, Carlos Boavida, Luís Borges, Jacinta

Bugalhão, Guilherme Cardoso, Miguel C. Costa, Paulo Costa, Francisco Curate, Diogo T. Dias, José Domingos, José d'Encarnação, Sebastião L. Lima Filho, Gerardo V. Gonçalves, António Gonzalez, Fernando R. Henriques, José G. Leite, Virgílio Lopes, Isabel Luna, João Marques, Susana Gómez Martínez, Andrea Martins, Ana M. Moço, Alexandre Monteiro, José L. Neto, César Neves, Lucínia Oliveira, Maria F. Palma, Pedro Parreira,

Dina B. Pereira, Franklin Pereira, Tiago do Pereiro, Magda Peres, Leonor Pinto, Miguel Portela, Jorge Raposo, Morgana C. Ribeiro, Clara Rodrigues, Sérgio Rosa, Daivisson B. Santos, Fábio Soares, André Texugo, Thomas Tews e Cláudia Umbelino.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madana Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

# Seguiram para a Outra Margem

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

**E**, assim, dum momento para o outro, sem darem de vaia, porque o barqueiro não deixou, nem nós lhes pudemos acenar, apercebemo-nos de que já estavam na margem sem regresso. Tiveram uma existência normal, com os altos e baixos próprios de quem por aqui passa; achámos, porém, que deixaram rasto e nos cumpria dizer-lhes do nosso reconhecimento por connosco terem partilhado sonhos, projectos, experiências. Seguiram para a outra margem, quando menos esperávamos e ainda contávamos com eles para mais umas caminhadas em comum. Não foi possível.

António Cavaleiro Paixão, discípulo de D. Fernando de Almeida, por ele foi levado para Tróia e, daí, para Alcácer do Sal, onde deu a conhecer inesperados horizontes pré-romanos. Gostaríamos que tivesse conseguido organizar o que encontrara; mas... era tanto e tão importante e as posteriores tarefas burocráticas tão absorventes!... Deixa lá, António, que se logrará aos poucos arrumar as virtualhas.

Praticamente da mesma geração na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Maria Adelaide Maia. Depois das peripécias ligadas ao pós-revolução de Abril, acabaria por demandar Tavira, com o marido, o Manuel Maia, e ambos lutaram por trazer Balsa à luz da ribalta. Maria embarcou cedo de mais. O Manuel dirige eficientemente o Museu da Lucerna, em Castro Verde, e conta-nos, de vez em quando, que essa região é, como ele suspeitara, muito mais importante do que se antojara quando identificara *castella*, pontos altos de defesa logo nos primórdios da vinda dos Romanos, no I quartel do século I a.C. E por ali está, certamente, a tão procurada *Aranni*.

Evoquemos, todavia, sem quaisquer critérios objectivos, cronológicos ou curriculares, cinco outros companheiros. Apenas... recordações em jeito de homenagem!

Luís Coelho

**F**requentou o curso de Clássicas na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Veio o 25 de Abril e dinamizou reformas, esteve na frente da batalha. Inclusive foi docente. Nomeado adjunto do Secretário da Cultura, preconizou alterações substanciais na legislação, pugnou pelo reconhecimento da Arqueologia como disciplina relevante no quadro da preservação do Património Cultural.

Cedo integrou o rol dos membros do Instituto Arqueológico Alemão, que, recorde-se, mantinha, ao tempo, uma filial em Lisboa; também por isso, fez parte, com a mulher, Manuela Alves Dias, do grupo inicial dos que, sob a égide da Academia das Ciências de Berlim, se propuseram rever o deveras desactualizado II volume (*Hispania*) do *Corpus Inscriptionum Latinarum*. Seria, contudo, Maria Manuela que se encaminharia pelos estudos epigráficos, não sem ter acompanhado o marido e Caetano de Mello Beirão no estudo dos sítios do Sudoeste Alentejano donde se haviam exumado estelas com a enigmática Escrita do Sudoeste. Citem-se dois dos estudos publicados: “Duas Necrópoles da Idade do Ferro no Baixo-Alentejo: Ourique”, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. IV, 1970, pp. 184-210; “Notável Lápide Proto-Histórica da Herdade da Abóbada, Almodôvar (Primeira Notícia)”, *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V, 1971, pp. 181-190. Debilitado, rumou para a região de Viseu, donde, sem notícias, encetou a passagem.

Tive com ele bastantes reuniões de trabalho, nomeadamente no âmbito do *Corpus*. Era, para mim, o “homem das problemáticas”, havia sempre algo em que se deveria pensar para não sermos ludibriados. Lembro-me – eu que amiúde penava por não saber escrever muito... – de, um dia, lhe ter sugerido uma frase diferente para um texto e a sua reacção foi:

– Calha mesmo bem, tem mais cinco palavras!...

**“E assim, dum momento para o outro, sem darem de vaia, porque o barqueiro não deixou, nem nós lhes pudemos acenar, apercebemo-nos de que já estavam na margem sem regresso. Tiveram uma existência normal, com os altos e baixos próprios de quem por aqui passa; achámos, porém, que deixaram rasto e nos cumpriria dizer-lhes do nosso reconhecimento por connosco terem partilhado sonhos, projectos, experiências. Seguíram para a outra margem, quando menos esperávamos e ainda contávamos com eles para mais umas caminhadas em comum. Não foi possível.”**



Elisabete Cabral

Maria Elisabeth Figueiredo Costa Neves Cabral, de seu nome completo.

Após a licenciatura, integrou – tal como os Maiais – o grupo que, no ano lectivo de 1972-1973, decidiu inscrever-se no Curso de Conservador de Museus, sob a proficiente orientação de Maria José de Mendonça, directora do Museu Nacional de Arte Antiga. Pertenceu também ao grupo que D. Fernando de Almeida fez questão em iniciar nas lides arqueológicas (Alcácer do Sal, Tróia...), incitando-a a dedicar-se ao estudo das lucernas.

Daí que haja publicado: “Cinco Lucernas Inéditas da Barrosinha (Alcácer do Sal)”, comunicação feita às II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos (*Actas*, 2.º vol., 1973, pp. 175-184); “Lucernas Romanas de Alcácer do Sal”, *O Arqueólogo Português*, 3.ª série, 7-9, 1974-1977, pp. 347-354; “A Representação do Crísmo nas Lucernas Tardias de Tróia (Setúbal)”, *Setúbal Arqueológica*, 1, 1976, pp. 163-167; “Lucernas Romanas de Miróbriga (Museu Municipal de Santiago do Cacém)”, *Setúbal Arqueológica*, 2-3, 1976-1977, pp. 455-470; “Marcas de Oleiro em Lucernas Romanas de Balsa, Torre d’Ares”, comunicação às III Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos (*Actas*, 1.º vol., 1978, pp. 237-248). Este último trabalho resulta já do seu desempenho como conservadora do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, situação em que assinou com os demais conservadores (Maria Adelaide Maia, Maria Amélia Horta Pereira, Luísa Estácio da Veiga e Maria Luísa Abreu Nunes) o relatório das actividades do Museu, publicado n’*O Arqueólogo Português* (3.ª série, 7-9, 1974-1977, pp. 6-29).

Elisabeth Cabral esteve presente nas peripécias por que – não há muitos anos – passou o Museu de Arte Popular, de que foi responsável.

Também sem notícia nos deixou. O meu voto: que haja sempre uma lucerna a alumiar-lhe o caminho!

Pedro Marques

O Pedro não pertence a essa geração que deu cartas – e, felizmente, muitos ainda continuam a dar! – na década de 70. Nasceu a 18 de Dezembro de 1979.

Conheci-o pelo dinamismo que desejava incutir ao Museu Nacional de Arqueologia. Sempre pronto a estar na dianteira de iniciativas inovadoras, mormente como formador em cursos desde 2008 a 2015. A relação das colaborações prestadas ao Museu desde Abril de 2007 a Janeiro de 2015 preenche quatro páginas A4, a um espaço, no currículo que apresentou para as provas de doutoramento. Daquelas pessoas que usamos chamar carinhosamente de “fura-vidas”.

Descobriu, a dado momento, a Epigrafia, deixou-se entusiasmar por ela, viu que, por exemplo, poderia dar a sua opinião acerca de leituras difíceis e passíveis doutras opções e não hesitou!

Exemplifico: “*Endouoleicus / Endoueleucus / Indouelleucus*: releitura de algumas formas do teónimo”, *O Arqueólogo Português*, Série V, 1, 2011, pp. 505-524.

Tive ocasião de lhe arguir, a 17 de Fevereiro de 2006, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a dissertação de Mestrado em Pré-História e Arqueologia intitulada *Divindades Paleohispânicas e Cultos Romanos no Conuentus Scallabitanus*; e, a 18 de Julho de 2016, a tese de doutoramento em Arqueologia, *A Epigrafia da Hispania na Correspondência Epistolar entre Emilio Hübner e José Leite de Vasconcelos*. Recordo que ia ser pai daí a pouco tempo – e estava feliz.

Há tempos, perguntei por ele, porque dele nada mais soubera. Tinha partido!

Luís Fraga da Silva

Tinha casa nos Vilarinhos, o Monte das Oliveiras.

Eu distingui-a desde a casa de minha avó, que fica na vertente oposta. Presença habitual n’A Ervilha, a pastelaria do centro da vila de S. Brás de Alportel, onde passava muito tempo a ler. Todos sabiam da sua organizadíssima e vasta biblioteca, mais de 11 mil volumes. Discreto, pensador, passara com os Maiais a temporada alta de *Balsa*, cidade que o cativara e cujas entranhas quis perscrutar. *Balsa, uma Cidade Perdida?* – foi o livro, editado, em Maio de 2007, pelo Campo Arqueológico e pela Câmara Municipal de Tavira, com o apoio de organismos locais. O título, já de si enigmático, estava antecedido da frase “A capital do Algarve Oriental na Época Romana”!... Partiu a 20 de Março de 2020. No blogue <http://imprompto.blogspot.com>, onde ia divulgando a investigação em curso, informara, em Novembro, que “por motivos de doença” lhe era “impossível continuar essas intervenções”, perorando: “*Espero que possam continuar a ser úteis no futuro. Um grande abraço pelo vosso interesse*”.

José Correia Martins evocou-o no *Notícias de S. Brás* (Março de 2020), identificando-o como um “*são-brasense de Trás-os-Montes*” e dele traçou este perfil: “*Luís Fraga da Silva foi o mais jovem preso político libertado do Forte de Peniche, depois da Revolução de 25 de Abril de 1974. Foi um notável analista e programador, pioneiro no apoio informático à realização de sondagens, desde os anos 1980; um singular especialista em História do Algarve e, especialmente, sobre a Antiguidade Clássica Mediterrânica com várias obras publicadas e muita por publicar. O seu carácter de exigir*

sempre mais de si próprio levava-o a adiar, talvez em excesso, a publicação do muito que produzia, mesmo quando os amigos e editoras lho solicitavam”.

“Portugal perdeu um Homem exemplar, discreto, sabedor e amigo”, concluiu Correia Martins, “São Brás de Alportel perdeu um ‘filho’ e uma referência no campo da cultura”.

### António Manuel Dias Diogo

Dias Diogo era assim: aparecia de vez em quando e passava depois tempos infinitos sem nada dizer, sem responder às missivas e não sabíamos exactamente se continuava interessado em publicar aquela bonita estela com o busto de *Claudia Maxima* em baixo-relevo num nicho, ou se encontrara mais ânforas e as estava a estudar. De um momento para o outro, caiu-nos a notícia qual inesperado relâmpago: Dias Diogo partiu! A 28 de Agosto de 2020. Sozinho.

Tinha 67 anos. Foi docente de Arqueologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, até 1997; esteve como responsável pelo Teatro Romano de Lisboa logo no início da reabilitação daquele monumento. Dirigiu escavações na Alcáçova de Santarém, de cuja 1.ª campanha publicou o “material romano” (*Conimbriga*, 23, 1984, pp. 111-141); e em Chões de Alportel, de que estudou, com Laura Trindade, sua mulher, os materiais daí exumados (*Conimbriga*, 32-33, 1993-1994, pp. 263-281). Como arqueólogo ao serviço da autarquia lisboeta, dirigiu escavações, por exemplo, nas chamadas Termas dos Cássios, situadas na Rua das Pedras Negras, cujo espólio epigráfico amiúde deu rapidamente a conhecer na revista *Ficheiro Epigráfico*, sendo de destacar a notável dedicatória ao cidadão romano da ordem equestre, *L. Cornelius Bocchus*, inscrição que permitiu saber muito mais acerca deste importante personagem da Lusitânia romana (*Ficheiro Epigráfico*, 60, 1999, inscrição n.º 275). Na Associação dos Arqueólogos Portugueses, presidiu à Mesa da Secção de Estudos Orlisiponenses, no âmbito de cuja actividade se destaca a organização dos Colóquios temáticos – Estudos de Lisboa Séculos VIII a XV (1998) e XV a XIX (1999). Interessou-se, de modo particular, pelos estudos cerâmicos, tendo mesmo elaborado um trabalho de referência, o “quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano”, publicado no volume 5 da IV série d’*O Arqueólogo Português*, 1987, pp. 179-191. No teatro romano, fez escavações em 1966-1967, de que deu a conhecer as ânforas e as *sigillatas* tardias então identificadas (*Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2 (2), 1999, pp. 83-95). Será, obviamente, lugar-comum dizer-se que da sua actividade ainda muito havia a esperar, nomeadamente em colaboração

com Laura Trindade. Neste caso, contudo, essa afirmação reveste-se de especial significado e tem pleno cabimento, atendendo aos materiais, decerto significativos, que não teve ocasião de dar a conhecer.

...

Senhor barqueiro! Sabe uma coisa? Preferimos que também fique na outra margem. O rio não está de feição para mais travessias e o bote – já reparou? – corre sério risco de meter água. Precisa de largos meses, mui largos meses, de mui cuidadosa calafetagem, com pez de boa qualidade. Mesmo depois de reparado – que bonito que vai ficar! – que tal em o considerar... peça de museu? 🐉

José d’Encarnação, 30 de Outubro de 2020

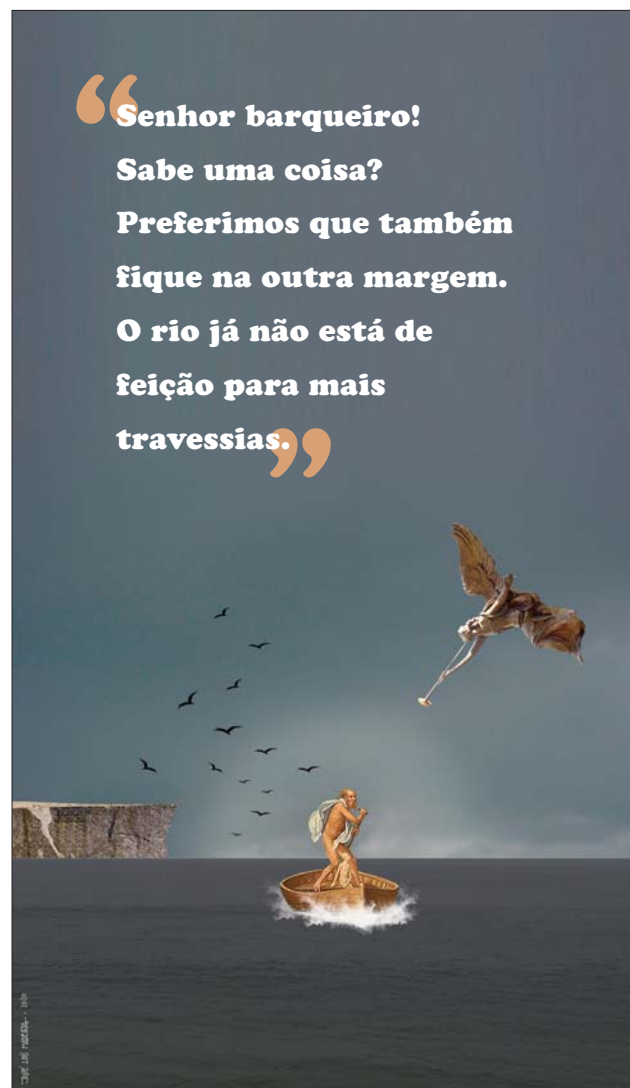


ILUSTRAÇÃO: O susto de Caronte | José Luís Madeira, colagem, 2020.